

# POESIA DESCALÇA

Os da minha profissão melhor parecem velando, que dormindo. DOM QUIXOTE, Cervantes.

Nº 97 - Ano 06 - Recife, dezembro de 2005 – Distribuição gratuita

## VISITA

### Para Lula, meu irmão

Olhei para a rua da minha infância  
Como uma criança olha  
Para seu melhor brinquedo quebrado.  
Vi imagens soltas, fragmentos  
De paisagens já esquecidas,  
Pessoas de outra época  
Conversando na calçada.  
Achei tão-somente  
Um clamor da minha imaginação.

Olhei para a rua da minha infância  
E todas as imagens passadas  
Visitaram por alguns minutos  
A minha alma desamparada.

### JOCA DE OLIVEIRA

Ribeirão, 21/09/2005  
Recife, 22/09/2005

## PRA LAURA

(Filha de André e Vanessa)

Vocês não vão acreditar  
hoje acordei com anjos me desejando bom-dia  
bichinhos de pelúcia olhando para minha cara de bobo  
Cebolinha cutucou de leve o leãozinho marrom e perguntou  
Quem que é esse cala aí?  
Quem que é esse cala aí?  
Sei lá.  
Pergunta pras bonecas.  
Caladas estavam, caladas ficaram.  
Preparavam o café da manhã num lindo fogão cor-de-rosa.  
Não importa o que tenha para comer.  
Juntei-me a eles e rimos dos adultos  
que não sabem como é bom  
acordar no quarto de uma criança.

MIRÓ

(Pra não dizer que não falei de flúor / 2004)

## RUA DOS CARANDÁS

Era uma noite e o vento uivava,  
arrepiando a espinha do Riacho do Ouro  
que tomava a prata da lua despejada...  
Zé Inês passava sobre a Ponte do Estrume  
porque fora apaziguar revoltas do corpo  
no Castelo Azul.

Tudo coadunava menos nós,  
porque bebíamos cachaça na rua dos  
Carandás  
e pensávamos serenatas!

Mas não estávamos inseridos  
posto sermos tão jovens e desafinados?

Aí houve uma nuvem que a tudo escondeu  
e a moça correu doida pela rua dos  
Carandás.

Seus cabelos aumentavam a sombra  
e não houve uma nesga de luz que se  
pronunciasse.

Novamente o vento apareceu  
e tangendo a assombração para a rua do  
Emboque

limpou o céu e o chão da nossa Terra.  
A cachaça tinha se acabado  
mas não a vontade de serenata.

Estávamos todos lá,  
Doda, eu, Paulo Roberto, Quaiada,  
Bastião...  
na rua de lua e vento dos Carandás.

WILSON VIEIRA

Recife, 12/12/05

## HÁ

Os que só tragam com filtro. Os que conduzem  
a dança. Os de papo requentado. Os que  
espalham o conflito. Os grosseiros de foulard.  
Os que fazem as cutículas. Os que têm presas  
no olhar. Os prósperos despreparados. Os que  
vão lambe o limbo. Os belos atormentados. Os  
previsíveis sem sal. Os ternos de abraço  
manso. Os que usam o saber como arma de  
poder. Os que citam sem parar. Os que gostam  
de mulheres. Os que gostam das mulheres. Os  
mitos desamparados. Vampiros por trás  
de lentes. Os que só querem mamar. Os que  
portam falos bélicos. Os marinheiros sem mar.  
Os que nos devolvem o riso. Sensíveis sem  
onde morar. Os que decifram. Os que  
devoram.

Casados infantilizados. Os que consertam  
cadeiras. Os indelévels carnisais. Os de coração  
falido. Raros sexys calados. Os gananciosos  
banais. Marxistas que espancam mulheres. Os  
que se desmancham no ar.

### LEDUSHA B. A. SPINARDI

(...) As estatísticas demonstram que os soldados  
israelitas estão desistindo da vida. Estão  
morrendo mais por suicídio do que em  
combate. A emoção não suporta essa  
sobrecarga de violência. Se esses jovens que  
deveriam estar se divertindo em festas estão se  
matando, imagine o que está acontecendo nos  
solos inconscientes das crianças.

As crianças judias e palestinas, inocentes nessa  
guerra de adultos, estão destruindo seu futuro  
emocional: perderão seu encanto pela vida,  
terão ansiedade crônica, medo crônico do  
amanhã, humor triste. (...)

Os jovens precisam criticar a violência do  
mundo...

AUGUSTO CURY

## dilúvio

as águas cobrem as ruas  
arrastando tudo

do outro lado junto ao muro  
minha mãe. só os olhos  
pedem que a recolha

tenho força de mil cavalos  
e aquela flor  
contra a corrente

tomo minha mãe nos braços  
ela se encolhe  
aqueço-a em meu colo  
e devolvo-lhe o leite

HELENA ORTIZ in  
sol sobre o dilúvio

## GATO QUE BRINCAS NA RUA

Gato que brincas na rua  
Como se fosse na cama,  
Invejo a sorte que é tua  
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais  
Que regem pedras e gentes,  
Que tens instintos gerais  
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,  
Todo o nada que és é teu.  
Eu vejo-me e estou sem mim,  
Conheço-me e não sou eu.

FERNANDO PESSOA

## PDPDPD

Que batam todas as matracas  
Que vibrem todos os atabaques  
Que zunam todos os maracás  
Unindo nossas sementes

ÂNGELO BUENO

Estamos lançando uma série de charges sobre o momento recente da política nacional, de autoria do caricaturista Wellington Pinto dos Santos. O rapaz é vigilante, nas horas vagas, e reside no UR-11, IBURA DE CIMA. Fiquem de olho!



# A Poesia Geo-Política



Toninho D' Olinda

## TELEFONE

O telefone esmaga as uvas do silêncio para me contar sobre formigas urbanas, que continuam roendo asfalto, e cigarras que ainda cantam em playgrounds. As mãos do travesseiro feito colo de mãe descansa a mente do menino perdido. Se a gente pudesse enxergar tudo que sente, eu seria Ícaro sobrevoando a grande floresta elétrica.

LUCIANO NUNES

## RPA – 4 oeste

Chegou Zumbi com Caxangá na cabeça  
na hora do Prado e Madalena  
para comer um churrasco  
de Cordeiro na Ilha do Retiro  
No Engenho do Meio  
da Cidade Universitária  
naquela Várzea de Manguezal  
constrói-se uma Torre alta  
com os Torrões ao redor  
para proteger os artistas de Iputinga  
em rios e córregos nesta cidade.

TONINHO D'OLINDA

Papéis valiosos encobrindo toda a trama.  
Notas na conta por conta da fama.  
Moedas: Dinheiro do povo jogado na lama

Grana, MALUNGO.

## POEMA SEM ECO

Um ecologista  
De renome e mapas  
Dá a conferência de cúpula  
Na hostil e cinzenta  
Selva de cimento  
E fala de pássaros  
E peixes exóticos  
Ainda não extintos  
Discursa toda flora  
E fauna  
Molhando a glute  
Com água engarrafada  
No décimo andar  
Do Palace Hotel  
Sauna e massagens  
Lhe esperam  
Logo mais (à mesa farta)  
Enxúndias de salmão  
E perdizes  
Vão fumegar e embaçar  
Extensos vidros fumê  
Para os que ficam  
Do lado de fora  
De chapéus e cuias  
Viradas pro céu  
Comendo salgadas  
Sardinhas sem cabeças

ARNALDO TOBIAS

## VESPERTINA

É só divagar um pouco  
Com o olhar perdido no instante

Sentar na caldeira da ilusão  
E ficar vendo o fogo brando  
Do crepúsculo apagar  
Com o véu da noite enxugar  
A lágrima que ao pôr-do-sol  
Insiste sempre em rolar

Estender a cor da solidão  
Tolher a força das marés  
Estagnar o coração  
Flutuar no barco do revés  
Firmar cabeça sobre o chão  
E ver o céu fugindo aos pés

Como se o calor do sol  
Evaporasse todo o mar  
Como se a água do mar  
Apagasse a brasa do sol

É só divagar um pouco  
E rever a vida num instante

Afogar as dores da paisagem  
Com as cores da miragem  
Que o ocaso ocasionar  
Recorrer a Vésper pra esquecer  
Ou à estrela pela deusa  
Pra não mais te encontrar

Acordar pra a noite e renegar  
Esse torpor da tua ausência  
Que traz choro e tira sono  
Pois tua existência dói em mim  
Do teu amor, aquilo que  
Não me é prisão é abandono

Negar tudo é te dizer  
Que choro é coisa de menino  
Que o meu pranto ao fim do dia  
É só um chorinho vespertino

É só divagar um pouco  
Pela infinitude de um instante

ROQUE BRAZ

## RÉQUIEM

Tudo é inútil.  
Tudo está perdido.  
Estou cansado.

Não existe esperança  
Pras nossas crianças.

Vênus tem mais luas.  
Ando pelas ruas da cidade.  
Recife, não te conheço.  
Todo crime tem seu preço.

Tudo é fugaz.  
Nada é capaz de me atingir.

Meu corpo sozinho,  
Minh' alma abandonada.

JORGE LOPES

## LONGE DA CIDADE

Meus olhos  
Se apagarão  
E esta paisagem  
Noviça, será  
De outros, lógicos  
Amantes da luz.  
Meu rosto  
Será lembrado  
Num retrato,  
Estático, cinza, amarelado.  
Deixarei amadas  
E o sonho  
Do amor.  
Palavras doces,  
Deixarei o rio  
E o mar, as construções  
E um gato risonho.

CELSO MESQUITA

## EDITORIAL

O PD pretendia ser apenas um jornal de poesia, não aquele passarinho que, no incêndio, tenta trazer um pouco de água para apagá-lo. O PD não pretendia entrar no incêndio nem tampouco ser o próprio incêndio. Entretanto, as circunstâncias nos levaram, muitas vezes, a ser mais que um jornal de poesia.

No ano em curso, sobrevivemos às bobearias do PT (de vários “companheiros”) e às do Náutico, este, mais uma vez, com a síndrome já catalogada como Complexo B. Sobrevivemos a um moralismo hipócrita de plantão, por um lado, e a inúmeros caras-de-pau, por outro. Sobrevivemos ao jejum do bispo e à pedofilia de alguns padres. Sobrevivemos rodeados de AIDS, gripe aviária, aftosa, dengue, miséria e violência. Mas não por isso, nosso centésimo número não será comemorado este ano. Faltou-nos tempo; será em 2006.

Dias melhores virão e precisamos que a poesia nossa de cada dia penetre no embrulho do pão, esteja na voz ambulante da *anuncicleta*, na luta contra o aumento das tarifas e do desemprego, na mão do povo que lê, e até do que nem lê e joga fora, nas mãos do que ri, do que chora, do que acha interessante, do que pergunta: *o que é isso, poesia?* Precisamos da poesia nas assembleias populares e legislativas, trazer de volta a sensibilidade, tirar a poesia do papel caricato dela mostrado em algumas telenovelas, falar que a maioria morre de fome há séculos e alguns querem tapar isso com uma conversa fiada e parecida com aquela do *homem da cobra*.

*Como estamos abertos a idéias novas, vamos terminar o ano desejando um Feliz Natal a todos e acreditar que em 2006 voltaremos, mesmo que seja para encarar sem esperança mais um big brother nas soleiras de nossas casas, nos primeiros meses do ano, e os eternos falsos profetas apregoando salvar o **Brazil** do “mar de corrupção em que ele se meteu”.*

Repetiram Delfim Neto, Abi-Achel, FHC, Severino Cavalcante, Maluf (não sei quantas vezes), ACM Avô, Bornhausen, Roberto Jefferson, por que não posso (devo) repetir o LULA??  
BALA U, O PROFETA